

DUAS CABEÇAS VALEM MAIS QUE UMA CABECA: VISÕES DE ÀFRICA NA LITERATURA GUINEENSE

Mas quando é que alguém já ouviu uma passada sem um bocadinho de sal? Isso existe? Quando uma pessoa conta uma passada, ou põe o sal dele ou vomita o sal da outra pessoa que lha contou antes. Agora, contar passada sem pôr sal, sem um bocadinho de sal, não se sabe onde é que isso existe.

Suely Santos SANTANA.

Universidade Federal da Bahia-Centro de Estudos Afro-Orientais (UFBA-CEAO)

Abdulai Silá E-mail: susantana3@yahoo.com.br

Nas histórias e narrativas contadas sobre o continente africano foi colocado um sal conforme os interesses do mundo ocidental em dominar terras e povos desconhecidos. Como assevera Said (2007), da mesma forma que o Ocidente, o Oriente foi criado do homem e um de seus objetivos ampliar os estudos de literatura africana por meio de uma narrativa literária da Guiné-Bissau. Neste texto inicialmente, faço um quadro geral panorâmico dos pensa-mentos que nortearam as ideias criadas e divulgadas pelos colonizadores sobre o continente africano e os seus habitantes, apontando alguns dos estereótipos negativos mais comuns atribuídos a estes para, em seguida, fazer uma espécie de contraponto entre tais ideias e as concepções apresentadas por este próprio intelectual guineense, Abdulai Silá, ser o bábá ou a *pilimú* (o superior). Neste texto, a construção de um personagem e seus discursos, o que a visão do autor sobre a África das histórias a ser abordadas ao "sal" posto no texto do domínio do ocidental. Não intenção de aqui recuperar a voz e a seleção das expressões, processos de descolonização da Guiné-Bissau. O espaço teórico vinculado à digressão dos discursos e, em um contexto de estudos culturais e estudos pós-coloniais, já que o ênfase está no discurso de afirmação do povo africano colonizado, sobre o povo e as propostas de reflexão sobre a cultura africana no âmbito de um papel da literatura em uma perspectiva de divulgação e reiteração dessas concepções, ou, no sentido contrário, o papel da literatura na reversão desses discursos, tomando como referência um escritor e intelectual africano de um dos países africanos.

Palavras-chave: África; história; narrativa; revisão; estereótipos

Assim, a proposta de Bhabha é que os discursos minoritários devam ir além das grandes narrativas, tidas como “originais”, no sentido de que a partir destas, deve-se criar outras aqui nos interessa, os povos africanos. Estes, pelo menos no mundo moderno ocidental, foram narrativas ou discursos que tenham um novo significado. Nessa perspectiva, elas vão dar início a representados na literatura, de modo a sustentar o estigma e o lugar demarcado para a sua novos signos de identidades e postos de significações de colaboração e contestação, existência e de seus descendentes; sua representação, na grande maioria das vezes, foi desprovida no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20). A literatura de de feições e valores humanos, reforçando, assim, uma hegemonia branca e constituindo-se como Abdulai Sila pode ser uma referência de narrativa usada pelos povos colonizados para afirmar a mais uma temática ditada pelas circunstâncias da história ocidental, branca e patriarcal, de modo existência de uma história própria deles, embora essa seja a única leitura possível de sua a justificar a dominação e a sujeição desses povos, confirmando o que postula Said (1999), ao obra. afirmar que dentre as diversas formas de dominação sobre povos considerados “bárbaros” e “primitivos” o discurso literário teve um papel marcante, já que foram enunciados com uma Autor do primeiro romance guineense, Abdulai Sila nasceu em Catió, foi profundamente marcado pela guerra e pelas suas crueldades. Provavelmente, tal experiência o transformou num escritor e intelectual atento, crítico e perspicaz. O engajamento político-literário Para Said (1999) não é que os escritores tenham uma relação mecânica e determinada do autor com os problemas sociais que nasceram com a independência da Guiné-Bissau, bem pelos diversos aspectos de sua história, e que eles estão profundamente ligados a história de suas como com a situação de grande parcela da população que é esmagada pelo novo regime parece sociedades, moldando e moldados por essas histórias e experiências sociais em diferentes ser um dos fundamentos que orientam sua produção literária, seja na elaboração das tramas ou na graus (SAID, 1999, p.23). O romance, por exemplo, constitui-se uma das formas culturais de construção dos personagens, o que é demonstrando pelo empenho na luta por uma organização de grande relevância na formação de atitudes, referências e experiências, por isso, devemos coletiva mais humana. São palavras do escritor: “[...] vendo a situação da Guiné nós constatamos vincular as estruturas de uma narrativa as ideias, conceitos e experiências em que ela se que passamos de uma fase de auto-confiança, de esperança, para uma fase de auto-destruição e de apoio”. (SAID, 1999, p.105) (SILA, 1998, p. 10)

Se por um lado, as narrativas literárias, particularmente o romance, serviram e servem aos propósitos dos exploradores, por outro, como acentua Said (1999) elas também se tornam o método utilizado pelos povos colonizados para afirmarem suas identidades e a existência de uma dos serviços eletrônicos e de telecomunicações. Estudou na Alemanha e tem seus livros história própria deles. Para ele, as grandiosas narrativas de emancipação e esclarecimento publicados por uma editora em que ele é sócio fundador, a Ku Si Mon, única editora privada do mobilizaram povos do mundo colonial para que se erguessem e acabassem com a sujeição imperial” (SAID, 1999, p. 13).

Refletindo sobre aspectos semelhantes, Bhabha (1998) concebe essas narrativas como outras vozes que usam o lugar de enunciação para romper e negar a episteme etnocêntrica como Entrevista concedida a Fernanda Cavacas por Abdulai Sila e que é parte do prefácio de “Mistida” (Trilogia), publicada em 1997 e que reúne os três romances do escritor.

Em essa perspectiva que a fronteira torna-se o lugar onde algo começa a se fazer presente, ou seja, é no espaço intersticial que o sujeito que era antes objeto passa a ser o sujeito do discurso. Para Bhabha, os discursos devem emergir no sentido de contestar qualquer tipo de definição unificadora, totalizadora, hierarquizante. Este crítico literário indiano se refere a um discurso produzido e proferido na

independência, considero apropriada uma leitura por um caminho que não anula o já acima citado, mas o complementa. Isto é, um caminho que nos leva a perceber a determinação de ⁸³⁸ ~~há~~ ~~an~~ ~~contar~~ ~~histórias~~, próprias deles. Observando as experiências de lutas, resistências e enfrentamentos do povo guineense frente ao poder colonial lado, mas, por outro, projetando uma esperança para o futuro do seu país, demonstrando uma preocupação com a situação histórica presente e com o futuro da nação, caracterizada pela documentação recuperada a voz dos silenciados e, assim, através da denúncia, tentando reconstruir processos históricos guineenses, em particular a nova e antiga, de modo geral. Referência: Tânia Macedo (2009), traduzida por Padua (2007) postula que

Muito embora seja a elite intelectual o segmento produtor dos textos literários, não perdem de vista os escritores o fato fundamental de que é preciso fazer falar o povo. Assim, cada novo grito-texto vem juntar-se a outro e todos se dedicam à tarefa de construir o esperado momento em que, de objeto, o homem angolano escapa da sina vaticinada por um curandeiro de que era portadora de má sorte. Na capital, passa a trabalhar como empregada doméstica de um casal português e, assim, é alvo das tentativas de sua patroa de impor-lhe a religião, um nome europeu, roupas etc. e ainda das humilhações de seus outros parentes africanos, tendo em vista a situação não idêntica, mas semelhante dos países africanos, no que se refere à colonização, as lutas pela independência, bem como a situação no pós-independência, sobretudo aqueles de língua oficial portuguesa.

O professor é um africano negro, filho da terra e filho de *OhemKo* – um camponês famoso pela sua altivez, rebelião e resistência contra a autoridade instituída, o que resultou em sua morte. *Eterna paixão* (1994a) e *Mistida* (1997b) denominador comum é a decepção com os rumos da política na Guiné-Bissau após a descolonização, bem como a denúncia dos que estão à frente – e, apesar de assimilado, é um homem digno e altivo. Provavelmente por isso, tem o mesmo destino do pai (p.209), aceitando para uma nova narração da nação. Através dos livros supracitados observa-se que, ao contrário do que era esperado do novo regime da o que se vê é um regime de favorecimentos a uma pequena minoria privilegiada, em da exploração de uma maioria, esmagada pela nova forma de poder. Assassinatos de heróis, antes irmanados na luta, corrupção, nepotismo, guerras, para citar apenas alguns dos aspectos. No discurso do escritor, é clara a crítica e a denúncia ao fato de que a independência e a consequente libertação do jugo colonial não resultaram em mudanças substanciais nas estruturas de poder. Apesar de trocas de pessoas, as elites locais, sobretudo, os militares, “heróis” da guerra de libertação, se apoderaram do aparato administrativo reproduzindo relações políticas e de poder igualmente autoritárias.

Em *A última tragédia*, não obstante a possibilidade de uma leitura que aponta as preocupações do escritor com os descaminhos pelo qual o país após a sua

- Senhora, quer criado? Hmm?

A senhora virou-se para ela e os seus olhares se cruzaram por um instante.
Anais do SILIAFRO. Volume Número 1, EDUEU 2012

Finalmente, o terceiro protagonista, o Régulo de Quinhamel, Bsum Nanki, chefe tradicional da aldeia Quinhamel, bastante respeitado e cheio de sabedoria e ideias, muito pessoais de liberdade e dignidade.

Para Laura Padilha (2006):
O jacto de água que a apanhou na altura do peito provocou uma reacção inesperada na rapariga que, colada ao portão, esperava tudo menos aquela atitude da mulher branca [...] (SILÁ, 2006, p. 23)

Inicialmente, o trecho sugere uma leitura que aponta para uma certa dose de subserviência de Ndani, conforme o que aprenderá a respeito dos brancos. Entretanto, a continuidade do trecho é do livro como um todo permitem uma outra leitura. Por negra, o não lugar dos ancestrais donos da terra, a violência do poder autoritário e a assimilação imposta aos naturais, como único meio de sobrevivência possível, já que era portadora de uma maldição. O comportamento frente à senhora, para além da subserviência, pode também ser interpretado como uma estratégia para conseguir o emprego. movimentos de dissidência, bem como algumas artimanhas dos dominados indicam que nem tudo foi, no mundo colonizado, passivo e acatamento.

Tal leitura não se constitui algo impreciso, antes segue as pistas que a narrativa oferece. No caso de Ndani, ao longo da narrativa o que sempre é uma mulher que, aparentemente, é obediente aos seus patrões, porém é senhora de suas vontades. Não são poucas as vezes em que é possível notar que a jovem Padilha, observa-se que, para além da crítica aos rumos que tomou a Guiné-Bissau após a independência, Silá, através de sua narrativa e dos principais personagens, reverte conceitos, hierarquias e valores, contesta teses e mitos, revelando interesses de oposição das narrativas hegemônicas e se expressando em oposição às abordagens absolutas sobre, de modo geral, os africanos e, mais particularmente, sobre os guineenses.

O patrão quer uma coisa, o criado faz. O patrão quer que o criado vá dormir
Em *A última tragédia*, os personagens sob o título de protagonistas passam por um lado são vítimas do preconceito e discriminação – inclusive racial –, da exclusão, da imposição cultural, da violência física ou simbólica, por outro, muitas vezes de formas diferenciadas, reagem, desafiam, resistem à empresa colonial

⁴ Curandeiro, feiteiro

Um grande exemplo da afirmação acima diz respeito à jovem Ndani, a qual, logo ao chegar à cidade é vítima da violência de uma senhora branca que posteriormente passa a ser sua patroa

sentido geral de disciplina própria. Pretos e depois Judeus, eram dotados de uma excessiva sexualidade assim como uma sexualidade feminina que transformava o amor em luxúria (MOSSE, 1958:36 apud GORDON, 1998, p. 43)

Mas Ndani não perde a esperança de viver uma realidade diferente daquela em que vivia na casa de seus patrões e persegue seu objetivo. Com a morte do Régulo, a jovem se une ao professor – por quem alimentava uma paixão. [...] havia algum tempo a mulher e o homem formam uma família com três filhos. Entretanto, em algum momento, a suposição infundada de uma maldição que aprofundava a quantidade de uniões do Régulo motivava a garça a sair de sua aldeia. Finalmente, Ndani experimenta uma nova fase em sua vida com o marido e filhos, agora como parâmetro de que o seu sol estava a arder! (SILÁ, 2006, p. 118)

O excerto acima é uma ilustração de que da mesma forma que a empresa colonial procurou estigmatizar as religiões africanas, os africanos, tentou também consolidar suas vontades. Porém, muitas vezes os africanos obedeciam aos colonizadores e aceitavam deixar a agricultura em controle, como forma de registro da existência africana. Assim, a mulher africana, ao aceitar a imposição de Régulo a forçou a abrir as pernas; [...] esperanças, [...] apesar das ameaças, [...] a presença da mulher africana na sociedade colonial, apesar de sua condição de inferioridade, é que a maioria dos que foram criados durante a colonização por algum tempo (SILÁ, 2006, p. 118)

Para Augel os três diferentes caminhos por APDIAH, 1995, Nota 25-26) exemplificam as situações por que passam a mulher africana e

Ndani mostra-se coerente com seus princípios, ainda, ao ser violentada pelo patrão e reagir com violência. Um dos exemplos trazidos pela autora diz respeito ao relacionamento com a patroa de Ndani, dona Línea, que ela em casa e os três filhos no quarto da criada. O marido “naquele preciso momento abandonava o quarto da criada com o rosto a sangue de arranhões” (SILÁ, 2006, p. 66). É possível ler na citação que a jovem reage com violência à atitude, comum aos colonizadores, de violentar sexualmente a mulher africana. A atitude da jovem negra

O companheiro a que se refere o trecho acima é o professor negro africano, contratado pelo Régulo Bsun Nanki para dar aulas na escola criada por ele – o Régulo – na aldeia.

quando escreve sobre a união do nacionalismo com a sexualidade:

A representação estereotipada da ‘degeneração’ sexual passada quase que inalteradamente para as ‘raças inferiores’ inspirando mesmos medos. Estas raças foram tidas como inferiores por expor uma falta de moralidade e um

ainda que o professor e Ndani, (o régulo) seria como que a encarnação da contestação e da resistência inteligente” (AUGEL, 1998, p. 13). BsunNanki não se deixa comandar pelo administrador da aldeia, longe disso, está sempre desafiando os donos do poder, demonstrando conhecer os brancos colonizadores e suas estratégias de dominação. Por isso, percebe que, mesmo sendo chefe, não poderia enfrentar sozinho o poder colonial e, portanto, precisava usar algumas das estratégias de resistência da comunidade. Nas reuniões com os brancos, BsunNanki não se deixa intimidar pelo poder colonial, mas pensa em como usar as suas habilidades para enfrentar o poder colonial. Ele não se deixa intimidar pelo poder colonial, mas pensa em como usar as suas habilidades para enfrentar o poder colonial. Ele não se deixa intimidar pelo poder colonial, mas pensa em como usar as suas habilidades para enfrentar o poder colonial.

É através de um Testamento que o Régulo registra suas ideias. Para BsunNanki o pensamento oral é o meio de garantir a continuidade da cultura da comunidade. A cabeça não é grossa para o branco, toda a oja gente profeta é para o branco, também do branco, como faz o branco” (Silá, 2006, p. 115). Para ele, “Deus não apresenta a sua autoridade através da imposição da força, mas através da persuasão e da educação. Deus não apresenta a sua autoridade através da imposição da força, mas através da persuasão e da educação. Deus não apresenta a sua autoridade através da imposição da força, mas através da persuasão e da educação.” (Silá, 2006, p. 115)

Através do Testamento, BsunNanki registra suas ideias. Não apenas a história, mas também as estratégias utilizadas pelo branco colonizador para a dominação da África, ou como ele se esforça para defender a ideia de que os brancos são superiores aos negros. Reagiu com rapidez. Desviou todo o branco para trás e viu a mão passar perto do seu nariz assoviando. No instante seguinte, era o seu olho a embater nas bochechas do branco. Depois seguiu-se um outro golpe na face e outro ainda que fez sair um jorro de sangue do nariz e um grito agudo da boca do administrador (Silá, 2006, p. 159). Tal diferença denotaria uma inferioridade intelectual e moral do negro. Adulai, através do Régulo, contraria as previsões dos médicos-cientistas ao afirmar que a reação do professor à empresa colonial não se restringe à violência física. Além disso, o professor, como o Régulo, vive o poder persistente das suas “tradições cognitivas e morais”, nos termos de Appiah. (2006) Seu ideal como mestre não se traduz em transmitir aos alunos a cultura do branco, mas, sobretudo, instrumentalizá-los para enfrentar as mudanças da modernização que não podiam mais ser evitadas” (AUGEL, 2006, p. 10).

Sobretudo, no que diz respeito aos estereótipos dos africanos enquanto analfabetos, ignorantes, rudes, indolentes, passivos, com tendência ao domínio, Silá nos apresenta personagens africanos com perfis opostos ao que foi homogeneizado pela empresa colonial. O Régulo de Quinhamel, BsunNanki, pode ser o maior exemplo da afirmativa acima “[...] mais ainda que o professor e Ndani, (o régulo) seria como que a encarnação da contestação e da

apenas no romance aqui, brevemente, analisado, mas em toda a sua obra. A intenção aqui foi trazer uma das possibilidades de leituras propiciadas dos livros, numa perspectiva própria de análise. (SILÁ, 2006, p. 69)

de um escritor intelectual africano. (SILÁ, 2006, p. 69)

nas coisas que tinham a fazer que os brancos conseguiram o que conseguiram (SILÁ, 2006, p. 69)

Analfabeto, no sentido em que nunca frequentara os bancos escolares, o Régulo atribui ao professor a tarefa de transcrever o seu Testamento, o qual pode ser lido como a mensagem política de AbdulaiSilá, através das palavras do Régulo BsunNanki:

Também é para mostrar qual é o valor de uma pessoa quando ela sabe utilizar a cabeça para pensar[...] duas cabeças valem mais que uma cabeça só. [...] a cabeça de uma pessoa está em cima, em cima de todo o corpo. Isto significa que a cabeça tem muito mais valor que as outras partes [...] apesar disso ser uma coisa evidente, muitas pessoas se esquecem. Então vivem sem saber que tem uma cabeça, que é a coisa mais importante que tem, e que tem que usar [...] nessa cabeça que Deus deu a cada pessoa, existem dois olhos e duas orelhas que também tem que usar. Só lembram da boca que só tem uma.[...] Pode mandar só quem sabe pensar. (SILÁ, 2006, pp.112,113,114)

Criar uma escola na aldeia e contratar um professor negro africano para ministrar aulas às crianças é mais uma das ideias revolucionárias de BsunNanki. Não obstante o papel da escola colonial, e mesmo a pós-colonial na reprodução da hegemonia branca, a escola criada pelo Régulo tem o objetivo inverso, o de ensinar as crianças a pensarem como africanos, coerente com as ideias de BsunNanki de que pensar é a chave de tudo e que é preciso conhecer bem os colonizadores para assim poder expulsá-los. Nada mais apropriado que um professor negro africano que conhece bem seu colonizador, uma vez que criado por padres e aprendeu sua língua, religiãoetc, é um assimilado

Silá, através da sua literatura dá um sentido de reversão nas representações canonizadas sobre o continente africano e os seus habitantes Nesta perspectiva, inclui os africanos no cenário da história mundial, não como objetos de conhecimento, mas como sujeitos humanos, pensantes e concebendo suas experiências de afirmação como retomada da dignidade negada pelo colonialismo, de modo não apenas a expulsar fisicamente o colonizador, mas de descolonizar o pensamento no sentido de uma perspectiva própria de vida, pensamento, experiência.

São muitos os temas possíveis de serem identificados na literatura de AbdulaiSilá. não

ZAMPARONI, Valdemir. A África, os africanos e a identidade brasileira. In: PANTOJA, Selma
a RQGHAY, Mario José (orgs) Rompendo silêncios: História da África nos currículos da educação
básica. Brasília: DP Comunicações, 2004, p. 40-52

SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras,
Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003

_____. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Rosaura Eicheberg.
São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 27-60

SILA, Abdulai. A última tragédia. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

_____. Mistida (trilogia), Praia: Centro Cultural Português Praia-Mindelo, 2002

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro:
Contraponto, 1997.

AUGEL, Moema Parente. O desafio do escombro – nação, identidades e pós-colonialismo na
literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Trad. Myrian Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG,
1998. CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. Caminhos da ficção da África portuguesa. In: Revista
Entre Livros. São Paulo: Duetto. In: www2.uol.com.br/entrelivros/reportagem. Disponível em
15/06/2009.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução
Adelaine La Guardia Resende... [et al]. – Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG. Brasília.
Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

PADILHA, Laura Cavalcante. O salto para outra margem. Entre voz e letra: o lugar da
ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas,
2007. n. 170